

Tom e a Centopeia de Várias Cores

Larissa Endi M. Menezes
Rafael de Oliveira Gomes



João Vitor de Souza
Larah Silva Souto



T655 Tom e a centopéia de várias cores / Larissa Endi M. Menezes ...
[et al.]. – Divinópolis : [s.n.], 2025.
11 p. : il., color.

ISBN: 978-65-01-85643-8

1. Racismo. 2. Identificação. 3. Autoestima. I. Menezes,
Larissa Endi M. II. Título.

CDD 153.93

(Elaborada pela bibliotecária Lorena J. Melo Mendonça – CRB-6/3161)



Este livro é um instrumento de identificação e reconhecimento, pensado para que as crianças dialoguem com suas vivências e permitam expressar aquilo que sentem. A representação é parte fundamental da escuta clínica.

O psicólogo deve tornar-se um mediador sensível entre o mundo interno da criança e as experiências sociais que moldam seu dia a dia. O livro pode ser usado como porta de entrada para conversas difíceis, como as que envolvem discriminação, isolamento, vergonha ou pertencimento. Mas também pode abrir caminhos para narrativas de força, criatividade, resistência e autoestima, elementos essenciais para o desenvolvimento emocional saudável.

Durante o processo de psicodiagnóstico, é importante que o profissional adote uma postura atenta, lúdica e acolhedora. O livro não deve ser visto como instrumento de avaliação rígida, mas como convite para que a criança se aproxime de si mesma e permita que o psicólogo compreenda aspectos importantes de sua subjetividade. As escolhas que ela faz ao interagir com os personagens, os detalhes que comenta, os temas que repete ou evita, tudo isso se transforma em material clínico valioso.

Além disso, o livro ajuda o psicólogo a observar como a criança enfrenta e se sente em situações de discriminação. Cabe ao profissional sustentar esse espaço com cuidado, validando emoções, nomeando sofrimentos quando necessário e ajudando a criança a construir sentidos que não a culpabilizem nem reforcem estigmas.

Orientações ao Psi

Indicação de idade: 6 a 10 anos.

As seguintes perguntas podem ser feitas durante a contação ou ao final dela.

O que você sente quando Tom contou o que aconteceu na escola?

Por que você acha que Tom perguntou à mãe se seu cabelo era feio?

O que você faria se estivesse no lugar do Tom?

Por que você acha que as crianças não passavam a bola para Tom?

Como você se sente ao ouvir a história?

O que você acha do final da história?

O que essa história representa para você?

Considerações:

Condução subjetiva e sensível ao diálogo e o que pode provocar à criança. Observar o comportamento e expressões da criança principalmente para entender como ela reagiria a situação e como ela se sente ao ouvir.

Era uma vez Tom, um menino muito curioso, cheio de imaginação e com um sorriso que quase sempre brilhava mais que o sol.

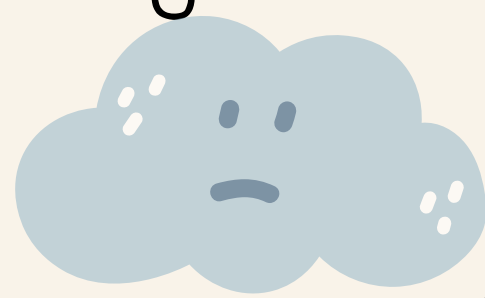


Adorava inventar jogos, correr pelo quintal como se fosse um super-herói e fazer perguntas sobre tudo o que via pela frente.

Mas, naquele domingo ensolarado, algo estava diferente...

Logo cedo, quando Tom acordou, pediu aos pais que o levassem ao parque e, enquanto sua mãe penteava e passava creme em seus cachinhos bagunçados de dormir, ela percebeu que ele estava mais quietinho do que de costume.

Desde a tarde do dia anterior, quando chegou da escola, Tom parecia carregar um pedacinho de nuvem cinza no peito.



Isso a deixou curiosa e preocupada. Então, ela se abaixou, olhou nos olhos dele e perguntou:

— O que deixou meu filhote tão cabisbaixo?

Tom olhou pra sua mãe e respondeu com uma pergunta:

— Mãe, meu cabelo é feio?

— Não, meu filho! Por que está falando isso? Você sempre gostou dos seus cachinhos!

— Durante o recreio, o Vitor disse que meu cabelo parece descuidado.

— Nosso cabelo é lindo, Tom! Parece nuvenzinhas. O que importa é que você sabe que ele é lindo, cheiroso e bem cuidado. Não acredite no que falam, meu filho. Brinque com quem gosta de você! Assim como a mamãe ama você do jeitinho que você é!

Sua mãe lhe dá um forte abraço e fala para terminarem de se arrumar para aproveitar o dia.

Ao chegarem, Tom viu algumas crianças jogando bola e correu para brincar.

O problema é que ninguém passava a bola pra ele, não importa o quanto ele pedisse.



Seus pais, observando de longe, não viam o que estava acontecendo, mas Tom estava ficando muito chateado, pois queria muito brincar.

Foi quando ele gritou, irritado:

— Ei, passa pra mim! Eu tô aqui, vocês não estão vendo?

Eles continuaram brincando, e Vitor, um aluno da mesma escola de Tom, respondeu que ele não deveria estar ali e que não queriam brincar com ele porque era diferente.

Tom se sentiu triste e com vontade de chorar.

Então, algo mágico aconteceu.

Tom sentou no chão, de olhos fechados, desejando não estar ali. De repente, ouviu algo bem baixinho. Colocou o ouvido próximo ao chão para escutar melhor e, ao abrir os olhos, se deparou com uma enorme centopeia colorida!



— Por que você está aí sozinho? — disse a Centopeia.

— Ah, ninguém quer brincar comigo. — falou Tom, ainda chateado, mas empolgado com o que via à sua frente.

— Podemos brincar juntos. Você quer jogar bola comigo? — perguntou a Centopeia.

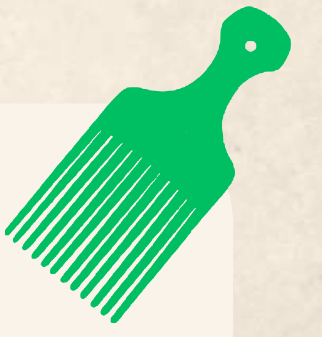
Tom abre um sorriso e diz que sim com a cabeça. Não era algo comum, mas Tom só pensava no quanto estava animado com a ideia de ter alguém se divertindo com ele.

Enquanto brincavam, Tom a elogiou por suas habilidades. Ela ficou feliz, mas acaba tropeçando na bola e então diz, rindo:

— Às vezes eu sou um pouco desengonçada com minhas muitas pernas, mas elas sempre me ajudam em algo. Eu adoro!

— Queria ter várias assim, igual a você!





A Centopeia riu e disse:

— Você deve ser bom em várias coisas que eu não consigo fazer bem.

— Bom... Eu gosto de cantar e dançar e eu também consigo correr muito rápido!

— Isso porque você é humano e tem duas pernas fortes e ágeis para se movimentar. Eu sou uma centopeia e tenho esse corpo looongo. Ah! Tenho também várias cores que me ajudam a fazer amigos, assim como você.

— Que bom que somos amigos, Centopeia, e que bom que somos diferentes para poder ensinar um ao outros coisas que não conseguiríamos aprender sozinhos.

— Tom!!! — ele ouviu sua mãe chamando de longe e, feliz, sem pensar duas vezes, correu para contar o que acabara de perceber.

— Mãe, você tem razão, é melhor brincar com amigos que gostam de mim do jeito que eu sou!

Ao ouvir o que Tom disse, ela o abraçou emocionada. Com um sorriso no rosto, pediu que ele contasse o que havia acontecido no caminho de volta para casa.

Nesse dia, Tom dormiu com a certeza de que nunca mais deixaria algum comentário deixá-lo triste, pois sabia que era amado e que sua beleza estava em ser exatamente como é!

— Obrigado por tudo, mamãe, eu amo você!
— disse Tom já ao anoitecer, após compartilhar como foi seu dia e receber carinho de seus pais.



Hoje foi um dia de grande aprendizado. Tom agora sabe a importância de boas amizades, do amor de seus pais e de se amar e valorizar suas formas e cores, sejam elas quais forem.

Este livro foi produzido na disciplina de Psicodiagnóstico Infantil, da Universidade do Estado de Minas Gerais (Unidade Divinópolis) e orientado pela a Profa. Dra Michelle Morelo Pereira.

As imagens usadas foram retiradas do canva pro ou gratuito.

